

O Inferno, o Purgatório e o Paraíso na *Pedagogia do Oprimido*: a busca por uma educação libertadora

Aidil Navarro

Claudia R.S. Nascimento

Nenhum poder na Terra é capaz de deter um povo oprimido, determinado a conquistar sua liberdade.

Nelson Mandela

Introdução

Este artigo tem como escopo uma reflexão a respeito dos vícios e das virtudes humanas, representação do mal e do bem, presentes nas obras *Pedagogia do Oprimido* (2014), de Paulo Freire, e *A Divina Comédia* (1989), de Dante Alighieri, na qual é possível estabelecer uma leitura comparativa ancorada na perspectiva retórica, principalmente, na construção argumentativa do discurso, o *logos*. O paralelo se dá mesmo com o distanciamento tempo/espço das duas obras: Dante, século XIV, e Freire, século XX.

Para tanto, destaca-se como ponto de partida a dimensão e o poder da palavra persuasiva/convincente para obtenção não só da liberdade de expressão no âmbito de uma sociedade autoritária movida pelos ideais de uma elite do poder, mas também o desejo de transformação do homem e do meio social – um bem e uma paixão humana simultaneamente, tanto na obra de Freire como de Dante.

Os dois autores apresentam aspectos comuns, entre eles destacamos dois. Eles foram “menosprezados pelos seus concidadãos, respeitados pelos contemporâneos e exaltados pela posteridade”.¹ Tanto Dante quanto Freire tinham pontos de vista díspares no tocante aos seus contemporâneos, e seus ideais de vida no âmbito da política, com o passar do tempo, deixaram de ser o mero pensar para se tornar objeto de reflexões profundas sobre o homem, a sociedade, o destino.

Nas duas obras, toda a problematização se dá por meio da palavra/discurso como ação racional fundadora da realidade. Os artifícios retóricos de que se compõem as obras explicitam a ação das três provas retóricas: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Todavia, quanto à estruturação deste estudo, apesar da importância das provas *ethos* e *pathos*, a ênfase se reporta ao *logos*², a fim de demonstrar como a virtude e o vício são tratados nos discursos.

Este trabalho se desenvolve a partir dos estudos de Aristóteles em *Arte Retórica* (s.d), *Retórica das paixões* (2000) e *Ética a Nicômaco* (1991); Perelman e Olbrechts-Tyteca, em *Tratado da argumentação: a nova retórica* (2000); Reboul, em *Introdução a retórica* (2004); e das contribuições de Ferreira, em *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica* (2010).

Tanto na tessitura de *A Divina Comédia* quanto na *Pedagogia do Oprimido* há uma preocupação quanto à questão da intencionalidade, de se separar o “joio do trigo”, isto é, o “bem do mal”, e toda essa busca se opera por meio do uso da palavra como ferramenta para a obtenção do objetivo desejado. Em Dante, os “cantos” buscam, a seu tempo, revelar um estado decaído do homem, que precisa ser lapidado no Inferno e no Purgatório, para se atingir o bem maior, a virtude maior, que é o Paraíso. Em Freire, como a temática centra-se em abordar o funcionamento da pedagogia da classe dominante opressora e autoritária, que usa a força como forma de impor-se (vício de atitude), a busca do bem, a virtude, compreende o domínio de caminhos para uma pedagogia eficiente. A dicotomia “bem & mal” leva o sujeito sempre a uma ação pela realização do bem, o que se expressa pelo *logos*, que é a palavra que constrói o discurso. “Toda arte e toda investigação, bem

1 Franco Jr, 2000, p. 11.

2 “A racionalidade é articulada no *logos*, termo que, durante séculos, significou palavra escrita ou falada, verbo, discurso. A partir dos estudos de Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.), filósofo pré-socrático, passou a ter o conceito de razão ou exercício da razão. Em sentido amplo, todo discurso se constrói em torno de um tema que é problematizado e gera questões. O *logos* é um espaço discursivo propício para a demonstração das estratégias persuasivas adotadas pelo orador para impressionar positivamente o auditório e demonstrar, de modo explícito ou não, pela linguagem, sua capacidade de enfatizar, ilustrar, confirmar, negar ou corroborar ideias. No *logos* imbricam-se, indissociavelmente, a força argumentativa do orador, os sentidos explícitos ou implícitos, figurativos ou literais da linguagem utilizada para atingir, por força da criação da verossimilhança, o acordo com o auditório”. (FERREIRA, 2019, p. 12-13).

como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem”³

Do ponto de vista metodológico o estudo se divide em três partes. Na **primeira** seção, abordam-se as relações de verossimilhança entre *A Divina Comédia* e a *Pedagogia do Oprimido* no tocante à dicotomia vício/virtude. Na **segunda** seção, a ênfase recai, de modo *lato sensu*, sobre a construção do *logos* nas obras em questão. Em Dante, procura-se abordar a relação entre o sacro (virtude) e o profano (vício); em Freire, a opressão (vício) e a liberdade (virtude). Por fim, apresentam-se as estratégias retórico-argumentativas utilizadas em Alighieri (1989) e Freire (2014) com a intenção de persuadir e convencer o auditório por meio do discurso.

As relações de verossimilhança no tocante à dicotomia vício/virtude

Do ponto de vista de uma leitura na perspectiva retórica comparativa, tanto no enredo da obra *A Divina Comédia*, de Dante (1265-1321), quanto na *Pedagogia do Oprimido*, de Freire (1921-1997), há a presentificação da dicotomia virtude/vício como elementos fundantes que vão desencadear toda a urdidura das obras justapostas que se expressam por meio de uma linguagem escrita, ora didático-alegórica em Dante, ora dialético-argumentativa em Freire, para a representação das paixões humanas, principalmente aquelas que se reportam aos desejos de transformação e de libertação.

Tanto em uma obra quanto na outra, os protagonistas são os próprios autores. Em *A Divina Comédia* é Dante que percorre três instâncias, o inferno, o purgatório e o céu, em busca da transformação da sua redenção, especificamente a salvação. Na *Pedagogia do Oprimido*, é Freire quem digladia contra os donos do poder de um sistema ditatorial e antidemocrático por meio de uma dialética de não-submissão contra a violência. “Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que o oprimem como *outro*”⁴

Ademais, as duas produções, quanto à temática, dialogam entre si, ainda que por ideias diferentes, porque enquanto o tema está para uma interrogação existencial, a ideia pode se converter em uma das possíveis respostas para a interrogação. *A Divina Comédia* – poema épico da Idade Média Europeia – tem como tema central o relato da conversão de um pecador em busca do bem e da ética; na obra freireana a trama expõe a questão

3 Aristóteles, 2005, p. 17.

4 Freire, 2014, p. 58.

da relação entre os opressores (*establishment*) e os oprimidos (população) no meio de uma sociedade ditatorial marcada notadamente pelo autoritarismo da classe política que se encontra no poder. Nas duas obras, a virtude e o vício são a mola-propulsora que desencadeia todas as peripécias – mudanças repentinas de situação. A virtude é o oposto do vício, porque enquanto este se reporta à prática de coisas que não estão em conformidade com a moral e os bons costumes, aquela se coaduna com a necessidade e o exercício do bem que leva à felicidade – uma atividade da alma – que tende para uma ação ética.⁵

Em *A Divina Comédia*, o autor florentino metaforiza a situação do homem pecador que para se ver livre de seus pecados na terra, de seus dilemas interiores em relação ao mundo externo e alcançar a liberdade precisa passar, primeiramente, pela provação do Inferno, “a selva escura”, representação simbólica dos vícios e dos erros humano. “Ao meio caminho desta vida achei-me a errar por uma selva escura longe da boa via, então perdida. Ah! Mostrar qual a vi é empresa dura, essa selva selvagem, densa e forte, que ao relembra-la a mente se tortura”.⁶ Em seguida, passa pelo Purgatório⁷, local em que as almas dos pecadores purgam suas culpas antes de elas irem para o Paraíso⁸ – na tradição judaico-cristã, o Jardim do Éden. Nesta peripécia o vício dá lugar à virtude redentora humana.

A “selva escura”, de *A Divina Comédia*, interpretada metaforicamente como símbolo do vício humano, na *Pedagogia do Oprimido*, de Freire, reaparece com uma nova roupagem: surge como maquinações de uma estrutura social ditatorial opressora na qual cidadãos e cidadãs brasileiros, sob pena de morte ou exílio, eram destituídos de sua *práxis* progressista em busca da transformação da ordem social, econômica e política injusta. Neste embate extemporâneo, que não deixa de ser atual, o vício dá lugar ao ideal da virtude humana salvadora e libertadora dos grilhões ditatoriais. Todavia:

5 Aristóteles, 2005.

6 Alighieri, 1989, p. 101, livro I.

7 “Pela galeria subterrânea, Dante e Virgílio retornam do Inferno, à superfície da Terra. Saem numa ilha, perto do Monte do Purgatório. Na faixa plana, entre a praia e o sopé da montanha – o ponto a que primeiro se dirigem as almas admitidas à purificação: A singrar melhor água eis que o batel do meu engenho segue, a vela inflada, deixando atrás o pélagos cruel [referência ao Inferno]. E, pois, direi da parte separada [isto é, o Purgatório] na qual a essência humana se depura por merecer o céu, dignificada” (ALIGHIERI, 1989, p. 11, livro II).

8 “O poeta invoca Apolo para que o inspire a cantar sua ascensão ao Paraíso. E narra como se sentiu no ápice do monte do Purgatório, transumanar ao lado de Beatriz, que lhe advertiu de que se achava a aura luminosa, rumo ao céu, e lhe explicou como isso se tornará possível: A glória do Criador, que a tudo anima, penetra no universo e resplandece menos abaixo e muito mais acima. Ao céu, que mais de sua luz se aquece eu fui, e coisas vi que mencionar, não sabe ou pode, quem de lá regresse, porque, a ansiada meta a demandar, nosso intelecto se aprofunda tanto que a memória é incapaz de o acompanhar. Na verdade, quanto eu do reino santo pude na mente conservar, revel, matéria me dará ao novo canto”. (Ibidem, p. 299)

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosa que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais.⁹

A preposição o sacro e o profano em Dante & a opressão e a liberdade em Freire

Há no discurso de *A Divina Comédia* a presença da dicotomia “sacro e profano”, assim como há no discurso de *A Pedagogia do Oprimido* a dualidade “a opressão e a liberdade”. Nas duas obras “o sacro e o profano” podem ser tomados como virtude e vício, respectivamente, tendo como ponto de partida de que a virtude é aquilo que leva à prática do bem, o vício, do mal, sujeito, portanto, à censura. “Não somos chamados de bons ou maus por causa de nossas paixões e sim por causa das nossas virtudes e vícios. [...], mas, somos censurados por nossas virtudes ou vícios”.¹⁰

No enredo da obra *A Divina Comédia*, em busca da virtude, o sagrado se manifesta por meio de um discurso filosófico/religioso em que se percebe a prática da moral da doutrina cristã, evidenciada no Canto IV da primeira parte sobre o Inferno. No momento que Virgílio¹¹ fala de si, afirma que, tendo antecedido a Cristo, não pôde seguir os ritos da igreja: “Seu tempo antecedeu ao Cristianismo, e a Deus não conheceram no seu meio, um deles sou eu, vindo do paganismo”.¹²

9 Freire, 2014, p. 12-13.

10 Aristóteles, 2005, p. 46.

11 Considerado um dos maiores poetas da história literária ocidental. (FOLLMANN, 2014, p. 1)

12 Alighieri, 1989, p. 129, Inferno.

Por outro lado, “o profano” se manifesta por meio da denúncia dos vícios e das decadências humanas, razão, inclusive, pela qual serviram de inspiração para o poeta italiano criar toda a intriga em sua obra.¹³ É um apontamento do vício.

Sob o prisma da linguagem, de um modo geral, toda a construção de sentidos nos três momentos de *A Divina Comédia* (Inferno, Purgatório, Paraíso) se faz por meio da palavra revestida de ornamentos semântico-metafóricos como, por exemplo, o emprego de figuras de linguagem, a “onça” que representa a incontínência humana, o “leão”, símbolo da violência, e a “loba”, representação simbólica da fraude¹⁴ – vícios humanos. “A respeito das três feras, que Dante encontra, antes de entrar no inferno... Disse-se que tais feras teriam constituído encarnações animais de vícios, como a soberba, a luxúria, a avareza, ou como a incredulidade religiosa, a falsa doutrina, a inveja etc.”¹⁵

A passagem do mundo profano para a esfera do sagrado se apresenta na própria temática da obra, que retrata a conversão de um pecador (do mundo profano), Dante, sempre tentado pelo mal, em busca do caminho de Deus (mundo sagrado). Nesta busca, “a transcendência revela-se pela simples tomada da consciência infinita. O muito alto torna-se espontaneamente um atributo da divindade”¹⁶

Freire busca o meio-termo de que fala Aristóteles (2005) em *Ética a Nicômano*. Em *Pedagogia do Oprimido*, o tema se dicotomiza entre opressão e liberdade, entendidos neste estudo como vício e virtude. O discurso político/filosófico/pedagógico é regido por um sentimento de indignação em que o autor não esconde sua intenção de possibilitar a conscientização e o intento de formar cidadãos segundo uma *práxis* progressista e transformadora da ordem social, econômica e política injusta. “Quanto ao caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude”¹⁷

Tudo isso ajustado num discurso marcado notadamente pela censura em oposição ao elogio, marcas próprias do gênero epidítico. “Estamos convencidos de que, para afeirmos se uma sociedade se desenvolve ou não, devemos ultrapassar os critérios que se fixam na análise de seus índices *per capita* de ingresso que, ‘estatisticados’, não chegam

13 Sabe-se que *A Divina Comédia*, poema épico escrito pelo autor Dante Alighieri (1265-1321) é um clássico da literatura mundial escrito durante o Renascimento, movimento artístico e científico que floresceu na Europa nos séculos XIV, XV e XVI. Do ponto de vista de sua estruturação, a extensa obra foi toda composta em versos e dividida em três partes: “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”. Cada uma delas possui exatamente 33 cantos. Do ponto de vista da historiografia, *A Divina Comédia* foi escrita em florentino, no início do século XIV, e, na sua tessitura, pretendeu-se fazer uma síntese enciclopédica do conhecimento científico e filosófico da Idade Média, inclusive os problemas religiosos ligados à Santa Fé – tema central da obra. Do ponto de vista metodológico, aqui neste artigo são utilizados apenas alguns fragmentos da obra em questão, abordando especialmente o tema do vício/virtude. (ALIGHIERE, 1989).

14 Ibid.

15 Alighieri, 1989p. XXVIII.

16 Eliade, 1962, p. 128-129.

17 Aristóteles, 1991, p. 291.

sequer a expressar a verdade”.¹⁸ Nas duas obras nota-se o predomínio do gênero epidítico na construção do *logos*, visto que tanto em uma quanto na outra o que está em xeque é o problema do elogio e da censura.

Em *A Divina Comédia* a crítica, censura, é dirigida ao homem pecador que precisa descer aos círculos infernais, passar pelo Purgatório e alcançar, pelos seus préstimos, o Paraíso para a redenção das falhas humanas. Tal situação assemelha-se à descrita por Freire em *Pedagogia do Oprimido*. Tal qual Dante, ele também precisou vencer o inferno da política brasileira para cumprir o seu papel de denunciar as classes oprimidas e exploradas em uma sociedade injusta, em busca de uma educação libertadora, que só se efetiva por meio do diálogo pois: O diálogo é uma exigência existencial; “E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se como a ‘pronúncia’, nem a buscar a verdade, mas impor a sua.”¹⁹

Em *Pedagogia do Oprimido*, a crítica do orador converge para o sistema ditatorial e opressor que limita e silencia a voz dos oprimidos. Nas duas obras, de fato, o elogio se faz quando Dante e Freire superam as dificuldades e tornam-se autônomos, aprendem com a experiência e passam por um processo de transformação/evolução. Dante abandona os círculos infernais para o atingimento do Paraíso; Freire encontra respaldo e concretização de suas ideias revolucionárias no tocante à busca de uma educação libertadora no processo de redemocratização que houve no Brasil nos primeiros anos da década de 80 do século XX. Acresce que tudo isso ocorre no plano da manifestação linguístico-discursiva em suas várias interfaces estritamente ligadas à semântica, à estilística, ao sistema retórico, à persuasão, ao convencimento, por exemplo.

Portanto, tanto Dante como Freire, procuram “criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório, servindo-se do conjunto dos meios de que dispõe a retórica para amplificar e valorizar”.²⁰ No entanto, considera-se, aqui, o profano/opressão como representação do vício em si e, o sacro, como virtude, elementos que contribuíram para a superação das dificuldades, bem como efetivaram suas ideias, com uso da persuasão/convencimento com estratégias retórico-argumentativa: o *logos*.

18 Freire, 2010, p. 218.

19 Freire, 2014, p. 109.

20 Perelman, Tyteca, 2005, p.57

Estratégias retórico-argumentativas de Dante e Freire: o *logos*

Na concepção retórica, o discurso só será de fato persuasivo e convincente, quando dirigido a um auditório, na medida em que comprovar por meio de um raciocínio lógico tudo aquilo que está sendo dito e, até mesmo, aquilo que não está sendo dito, mas que pode estar implícito. Eis a razão da grande importância do manuseio da linguagem tanto em sua dimensão racional, *ethos*, da ordem do *logos*, quanto na sua dimensão afetivo/emocional das virtudes intelectuais do orador no ato da ordem do *pathos*.

Sempre que se fala a respeito de estratégias retórico-argumentativas com a intenção de persuasão e convencimento²¹ deve-se ter como ponto de partida de que na argumentação, além da construção do *ethos* com a construção crível e confiável por meio do discurso, deve o orador apresentar ao auditório provas lógicas daquilo que defende. Sob esta ótica o orador encaminha o raciocínio do auditório a uma lógica argumentativa que o leva à tese defendida. Do ponto de vista da linguagem, antes de tudo, a persuasão por parte do orador, *ethos*, se dá quando por meio de um caráter virtuoso ele é tido como digno de fé e credibilidade. Neste sentido:

Três são, portanto, as causas de que os oradores sejam por si dignos de créditos, pois são de igual número as que dão origem à nossa confiança, com exceção das demonstrações. São as seguintes: a prudência, a virtude e a benevolência, porquanto os oradores induzem em erro nos assuntos sobre os quais falam ou aconselham, seja por todas essas razões, seja por alguma delas: ou, por falta de prudência, não têm opinião correta; ou, embora a tenham, por perversidade não a exprimem, ou são prudentes e equitativos, mas não benevolentes, motivo pelo qual é possível que não aconselhem o melhor, embora o conheçam, e nenhuma outra causa além dessas três.²²

Quando o orador se dirige ao seu auditório, *pathos*, e o ganha para si por meio das reações patêmicas, diz-se que ele se utilizou da emoção. Já o *logos* se refere à tentativa de persuadir/convencer por meio da lógica de argumentos apresentados. Neste sentido, “a argumentação é uma ação que tende sempre para modificar seu estado de coisas. Isto é verdadeiro mesmo para o discurso epidíctico: é por isso que ele é argumentativo.”²³

21 “**Persuadir**: mover pelo coração, pela exploração do lado emocional, coordenar o discurso por meio de apelos às paixões do outro. **Convencer**: mover pela razão, pela exposição de provas lógicas, coordenar o discurso por meio de apelos ligados ao campo da racionalidade” (FERREIRA, 2010, p. 15).

22 Aristóteles, 2000, p. 5.

23 Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1988, 1992, 2000, p. 64.

Assim, a linguagem é apenas um meio de comunicação, é um instrumento de ação sobre as pessoas, um meio de persuasão ou de convencimento. Cabe aqui uma interrogação: quais os tópicos que convêm à retórica? Acredita-se que seja:

Tudo o que tem a ver com a nobreza e a virtude. Discutem-se as virtudes e o conceito do belo, do nobre, do honesto e seus contrários. Sugerem-se os respectivos tópicos. A vertente estética da retórica epidíctica é evidenciada pela especial atenção dada ao tópico da amplificação nos discursos demonstrativos.²⁴

A *priori* queremos ressaltar que o orador, *ethos*, no processo discursivo-argumentativo pode se valer tanto da emoção, *pathos*, quanto da razão, *logos*, para a persuasão de outrem e isso ocorre porque estes três elementos da Retórica de Aristóteles são como que “siameses” e indissociáveis. Neste artigo, a ênfase discursiva se dá pela eficácia do *logos*. É importante salientar que é por meio do *logos* que falante e ouvinte interagem entre si, e é devido a ele que, retoricamente, ocorre a intencionalidade dos procedimentos argumentativos, a construção dos efeitos patêmicos e de sentidos no ato de comunicação. O discurso retórico tem uma intenção única: persuadir e convencer o auditório. “Para obter seu intento, o orador vale-se de meios racionais e afetivos, pois, em retórica, razão e sentimento se amalgamam num complexo inseparável”.²⁵

A leitura na perspectiva retórica do discurso de *A Divina Comédia* e da *Pedagogia do Oprimido* permite uma reflexão sobre a inter-relação de uma das três das provas retóricas, o *logos*, conjunto de operações mentais, no âmbito das estratégias retórico-argumentativas para a persuasão e o convencimento, uma vez que é por meio dela que se articula toda a organização do discurso proferido pelo orador ao seu auditório.

Assim, “se o *ethos* diz respeito ao orador e o *pathos* ao auditório, o *logos* diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso. É o aspecto dialético da retórica, que Aristóteles retoma inteiramente dos *tópicos*”.²⁶ De fato, nesse contexto, o *logos* refere-se propriamente ao campo do dizer e de como dizer; determina, assim, todo o ritmo dos atos da fala no campo da ação.

Ao fazer a leitura na perspectiva retórica das obras justapostas percebe-se, no enredo, que é por meio do conhecimento das coisas do mundo que o ser humano consegue sua liberdade, sua completude pessoal e que o conhecimento produz a virtude do bem. “Admitamos que o bem é aquilo que se deve buscar em si e por si; é também aquilo em vista do que buscamos outra coisa; é aquilo a que visam todos os seres, pelo menos os

24 Aristóteles, 2015, p. 23.

25 Ferreira, 2010, p. 15.

26 Reboul, 2004, p. 46.

seres dotados de sentimentos e de razão, ou aquilo a que visariam se fossem dotados de razão”.²⁷ O bem não deve emergir por acidente visto que:

De outro modo, aquilo que em si mesmo é causa do bem é mais desejável do que aquilo que o é por acidente. Por exemplo, a virtude é mais desejável do que a sorte (pois a primeira é por si mesma causa de coisas boas, ao passo que a segunda só o é acidentalmente). Isso pode ser aplicado do mesmo modo nos outros casos da mesma espécie. E, analogamente, também no caso contrário, pois aquilo que é em si mesmo causa do mal, é mais reprovável do que aquilo que o é acidentalmente.²⁸

Assim como em *A Divina Comédia*, de Dante, tem-se como tema central uma preocupação intimamente ligada a várias reformas de cunho intelectual, moral, político, religioso, visando ao bem para a restauração do poderio da Igreja – instituição que se coloca como capaz de proporcionar a salvação ao pecador, da mesma forma, em *Pedagogia do Oprimido* tem-se a intenção de reformas específicas, principalmente no campo da educação, pois é nesse campo que o educando se livra da doutrinação ideológica do opressor. A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto dessa crítica, mantém a ingenuidade dos educandos. O que se pretende, em seu marco ideológico nem sempre percebido por muitos dos que a realizam, é doutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão.²⁹

De um modo geral, as estratégias retórico-argumentativas utilizadas por Alighieri (1989) e Freire (2014) com a intenção de persuasão e convencimento do auditório a partir do *logos*, ciência do pensamento lógico e racional, resultam das observações, assim como da linguagem, derivada de uma necessidade de representação social de uma determinada realidade, com seus padrões de funcionamento, para que se possa examinar de que forma se constroem as virtudes humanas.

Sem dúvida alguma, a virtude que devemos examinar é a virtude humana, pois o bem e a felicidade que estamos buscando são o bem e a felicidade humanos.

27 Aristóteles, 2000, p. 49.

28 Aristóteles, 1987, p. 44.

29 Freire, 2014, p. 92.

Entendemos por virtude humana, não a do corpo, mas a da alma; e dizemos que felicidade é uma atividade da alma.³⁰

Logos é palavra em ação. Se o *logos* é palavra em ação, ele deve de tal maneira ser capaz de persuadir e convencer o auditório por meio de sua exteriorização; para isso a palavra/*logos* não deve apenas ser articulada com os requisitos de elegância, sonoridade e timbre, por exemplo, durante o ato retórico em si. Além disso, deve a palavra/*logos* ser constituída na sua estruturação/invenção de elementos linguístico-discursivos, tais como os recursos estilísticos, bem como de construções retórico-argumentativas.

De tal modo, a força existente na linguagem assume sua verdadeira feição por meio da palavra. Sob esta perspectiva, há de se reconhecer, axiomáticamente, a partir do pressuposto de que o *logos* é o aspecto dialético da Retórica que Aristóteles retoma inteiramente dos *Tópicos*³¹ (I, II, III, IV), que estes tópicos estejam voltados, do ponto de vista retórico, para quem busca entender como os argumentos se constroem e discernir quais são válidos e quais não são na organização linguística do discurso.

A leitura na perspectiva retórica de *A Divina Comédia*, de Dante, permite observar *in loco* que o estilo alegórico contribui extraordinariamente para a amplificação e compreensibilidade do texto, que é ao mesmo tempo imagem, sentimento e pensamento: tudo expresso sob forma de linguagem para a exteriorização de sua mensagem numinosa. Nesse sentido, o “Purgatório”, lugar em que os poetas Dante e Virgílio passam ao retornarem do “Inferno” para a superfície da terra, é descrito como o “Monte Purgatório” para onde se dirigem as almas admitidas para a purificação.

Subtende-se, portanto, na obra, que o Purgatório é constituído por uma montanha altíssima, que surge do mar no centro do hemisfério austral, contornada por cornijas, ou terraços, e que vai se afinando até chegar ao plano do Paraíso Terrestre, sendo que esses terraços desenvolvem-se em sete círculos, sobrepostos na seguinte ordem: I. Orgulhosos; II. Invejosos; III. Iracundos; IV. Preguiçosos; V. Avaros e pródigos; VI. Gulosos; e VII. Luxuriosos.³²

Na *Pedagogia do Oprimido*, de Freire, o purgatório pode ser representado, simbolicamente, pelo meio-termo que ajusta para obter a conscientização do oprimido ao referir-se à dialogicidade como ferramenta essencial da educação como prática de liberdade, enfatizando que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo.

30 Aristóteles, 2005, p. 37.

31 Aristóteles, 2013.

32 Referência aos sete pecados capitais da Santa Fé Católica.

O “Paraíso”, de Dante, refere-se ao átimo em que os bem-aventurados são distribuídos no “Céu” por seguir sua maior ou menor inclinação e pureza espiritual. Em Freire, o “Paraíso” pode ser entendido metaforicamente como as etapas de superação das agruras e adversidades e, mais especificamente, quando ele próprio prega o esforço, por meio de práticas revolucionárias, de transformação radical das estruturas políticas no poder que são símbolo e fonte de opressão. Assim:

A *práxis* revolucionária pode opor-se à *práxis* das elites dominadoras. E é natural que assim seja, pois são fazeres antagônicos. O que não se pode fazer, na prática revolucionária, é a divisão absurda entre a *práxis* da liderança e a de massas oprimidas, de forma que a destas fosse a de apenas seguir as determinações da liderança.³³

Freire intitula todo esse processo revolucionário/transformacionista de teoria de ação dialógica e suas características são a colaboração, a união e a síntese cultural. Nas duas obras, o *discurso* se constrói a partir de realidades distintas e a argumentação serve como mola-propulsora para permitir não só a descrição de fatos e/ou acontecimentos, mas também como eles se relacionam entre si e, axiomáticamente, como os diversos conflitos são resolvidos. Os autores “desenvolvem argumentos fundamentados na estrutura do real que se baseiam nas relações que os sistemas de significação consideram existentes no mundo objetivo. São os argumentos de causalidade, de sucessão, de coexistência e de hierarquização”.³⁴

Aqui, neste artigo, interessam-nos o argumento de coexistência da causalidade porque: “uma das formas de argumentar é expor a causa dos fenômenos. O conceito de causa foi uma das questões mais debatidas na história da filosofia. A causalidade supõe um encadeamento de fatos, em que um acontecimento antecedente produz um dado efeito”.³⁵ Quais foram as causas que motivaram Dante a escrever *A Divina Comédia*? De fato, foi a desagregação e a desintegração da sociedade medieval, mais particularmente, a desagregação e a desintegração humana, notadamente marcada pelos vícios mundanos em detrimento das virtudes do espírito, que levou o poeta florentino à escrituração da obra. O poeta escreveu uma comédia para contrapor à tragédia.

O que levou Freire a escrever *a Pedagogia do Oprimido*? Em um momento de dramaticidade, em constante busca, o efeito ao redigir sua obra foi, sem dúvida, a inquietação e

33 Freire, 2014, p. 169.

34 Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1988, 1992, 2000, p. 64.

35 Fiorin, 2015, p. 151.

sua resposta contra as estruturas opressoras da sociedade brasileira dos idos dos anos 60, e mais propriamente, suas reflexões a respeito dos fatores que influenciavam a educação com seu processo de ensino e aprendizagem ultrapassado. O educador via a desumanização como resultado de uma ordem injusta, causada pelos opressores, o que o induziu a lutar pela humanização. Uma luta não com armas físicas, mas com a palavra, a escrita.

Conclusão

A construção do *logos* está presente tanto no enredo da obra de Dante Alighieri (*A Divina Comédia*) quanto na de Paulo Freire (*Pedagogia do Oprimido*). *A priori*, o *logos* constitui, do ponto de vista aristotélico, uma das três provas retóricas ou argumentos para persuasão e convencimento, “umas residem no caráter moral do orador [*ethos*]; outras, no modo como se dispõe o ouvinte [*pathos*]; outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar [*logos*]”.³⁶

O *logos* como estratégia retórico-argumentativa é de extrema importância na leitura na perspectiva retórica do discurso, uma vez que é por intermédio dele que se consegue visualizar *in loco* e compreender profundamente o discurso em ação. É dentro dessa razoabilidade do *logos* que se constrói a discursividade de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Em Freire, o “Inferno”, o ‘Purgatório’ e o “Paraíso” de Dante são, metaforicamente, tomados de empréstimo no tocante à sua temática para a representação simbólica dos vários momentos de conflitos que ele apresenta em sua obra, desde o instante de total dominação dos oprimidos (Inferno), ao atingimento do grau de consciência revolucionária (Purgatório) e, finalmente à conquista da teoria da ação dialógica (Paraíso), instante em que o orador revela a ação do sujeito na transformação do mundo em “co-laboração”.

Enfim, em Freire há uma vitória da virtude, por meio da conscientização sobre o vício (opressão) em prol da liberdade. Assim, como decorre no enredo de *A Divina Comédia*, quando, ao final, o poeta Dante consegue a sua redenção ao atravessar o “Inferno”, purificar-se no “Purgatório” e elevar-se aos “Céus” – Paraíso.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. 5. ed. v. 1/Inferno. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. 5. ed. v. 2/Purgatório & Inferno. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

36 Aristóteles, 2005, p. 96.

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Jean Voilquin e Jean Capelle. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- ARISTÓTELES. **Tópicos**: dos argumentos sofisticos. Tradução de Leonel Vallandro e Gerard Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores, v. I).
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os pensadores, v. 2)
- ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ARISTÓTELES. **Poética e tópicos**. Tradução de Ribeiro de Lima. São Paulo: Hunter Books, 2013. v. I-IV.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha: grandes nomes do pensamento).
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1962.
- FRANCO JR, Hilário. **Dante**: o poeta do absoluto. São Paulo, Ateliê Editorial, 2000.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERREIRA, Luiz Antonio (org). **Inteligência retórica: o *ethos***. São Paulo: Blucher, 2019.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FOLLMANN, Cíntia. Mestre e discípulo: um olhar sobre a relação de Dante e Virgílio na Divina Comédia. **Revista Versalete**. Curitiba, v. 2, n. 2, jan.-jun. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação: A Nova Retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; revisão da tradução Eduardo Brandão. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, 1992, 2000, 2005.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.